Tatiana Scavone

Essência do Amor

Aquilo que nos faz andar, mesmo em círculos,
até que tudo esteja definido

1º Edição

Tatiana Moreira Alvarez

2013

Dedico este primeiro livro a todas as pessoas que me incentivaram e me apoiaram a escrevê-lo e que me fizeram, abrir meu caderninho de anotações em uma manhã, uma tarde ou uma madrugada e escrever.

A uma pessoa querida, que pensou em mim quando viu o site do Clube dos Autores.

Às pessoas que, na etapa final, me ajudaram com os últimos ajustes e detalhes.

E aos meus futuros leitores, por quererem conhecer minha história.

Capítulo Primeiro

"Não dissemos mais nada durante um longo tempo, apenas nos olhamos vagamente viajando em sonhos que nunca mais seriam realizados."

Michelle Weber

Entrei em casa apressada, segurando o choro aos berros, corri até meu quarto – que é, ou talvez era, de Nicoli, minha irmã mais velha. Bati com força a porta, que se fechou fazendo um barulho desnecessário. Logo em seguida escutei uma batida leve e assustada e, quando olhei, a porta já estava novamente aberta. Ao ver Ed tomei liberdade para chorar, e em meio os soluços disse:

– Pai, o que aconteceu, quer dizer... como aconteceu? Não pude nem me despedir da mamãe! – minhas ideias estavam confusas em minha cabeça.

– Mich... – ele me interrompia. – Calma! – mas sem dúvida não havia calma em sua voz.

– Edward – agora minha voz estava mais alta, e ele me olhou feio quando pronunciei seu nome; provavelmente agora não era boa hora para chamá-lo assim –, pai, não vou me acalmar, eu escutei você no telefone, houve um acidente e a Ni está no hospital, já a mamãe... – não tive coragem de continuar.

– Mich, olhe... – ele pegou meu queixo baixo e o levantou –, olhe nos meus olhos. – fiz o que ele pediu, mas só piorou a dor. O que vi em seus olhos era pior do que a morte de uma pessoa amada. Era como se ele estivesse para morrer, também, ali, na minha frente, olhando para mim. – Foi exatamente isso, um acidente, a batida foi

forte e ela não resistiu – nossos olhos derramaram lágrimas ao mesmo tempo. – Estou indo para o hospital agora.

– Posso ir com você?

Ele limitou-se a balançar a cabeça positivamente.

O único som que interrompeu o silêncio foi o motor do carro e alguns resmungos de choro. O tempo não passava, enquanto eu de olhos fechados, sonhava apoiada na janela do carro. Era como se naquele momento eu estivesse apenas sonhando um pesadelo, e pensava acordada comigo mesma: "ao abrir os olhos a verei sorrir novamente".

Não aconteceu.

– Mich já chegamos.

– Hã? Ah! Sim, tudo bem.

Sem a mínima vontade, saí do carro e fechei a porta. Entramos no hospital e quem nos recebeu foi um médico jovem, de cabelos louros escuros e olhos castanhos.

– Sr. Edward Weber?

– Sim.

– Deixe me apresentar, sou Dr. Albert Volkmer.

– Ah! Sim, foi você quem me ligou, não é?

– Sim, eu mesmo, bom, posso levá-los para o quarto de Nicoli?

– Sim, sim, sim – disse ofegante –, quero vê-la, como ela está?

– Está quase bem – disse ele nos apontando o caminho. – Daqui a alguns dias ela poderá voltar para casa.

– Que bom... nada aconteceu com ela... – pensei alto. – Nada de grave...

Ao entrar na sala, percebi que estava vazia. Uma cadeira, um sofá que devia ter meu tamanho de comprimento, uma mesa de rodinhas um pouco mais grossa que a cama onde o paciente – no caso, minha irmã – iria se deitar.

– Por que a sala está vazia? Quer dizer... Por que minha irmã não está aqui?

– Ela está numa cirurgia, uma pequena cirurgia.

– Hã? Como assim? – meu pai ficou vermelho com a resposta do médico.

– Calma, senhor. Nada de grave aconteceu com ela. Apenas bateu a cabeça com muita força. E alguns vidros da janela entraram em sua perna direita. Quando a tiramos do carro, estava desmaiada. Mas nada é muito grave, repito.

– Quando poderemos vê-la?

– Assim que a cirurgia acabar.

– E isso significa...

– Não tenho muita certeza, talvez uma hora – o médico me interrompeu.

Um silêncio quase perturbador encontrou a sala durante uns cinco segundos, que pareceram cinco horas. Meu pai foi o primeiro a quebrá-lo, falando muito baixo – provavelmente não queria que eu escutasse – mas com um esforço quase notável consegui ouvir:

– Hmmm... Posso falar um minuto a sós com você?

– Claro – disse o médico seguindo-o para fora do quarto vazio.

Liguei a televisão para disfarçar, e assim que a porta se fechou corri para escutar atrás dela. Com mais esforço, – por causa da televisão – consegui ouvir alguma coisa.

– Bom – meu pai foi quem começou a falar –, queria saber como foi exatamente o acidente. Foi você quem as ajudou, não?

– Sim, fui eu – respondeu o médico. – Bom, eu não entendi direito, mas pelo que me pareceu ela perdeu o controle do carro. E eu estava a uns dois metros, mais ou menos, de distância, então pude ver com clareza o acontecido, mas mesmo assim não entendi – o médico realmente parecia confuso. – Estava com o som ligado prestando atenção em uma *Lamborghini* laranja e preta que estava do lado do carro de sua mulher, foi então... – ele suspirou lentamente – que eu escutei um barulho alto, olhei para o lado procurando o autor do barulho.

Ele continuou:

– E vi que um carro tinha entrado em um poste. O trânsito parou no mesmo segundo, e eu aproveitei para estacionar atrás do carro e ajudar as pessoas que estavam dentro...

– Então você viu Nicole e Elisabeth – meu pai interrompeu.

– Exatamente. Não conhecia, então tentei procurar por um documento ou celular enquanto ligava para o hospital. Não demorou muito para encontrar uma bolsa jogada no chão do carro, atrás do banco do carona. Abri imediatamente e liguei para o senhor, e aqui estamos.

– Então, ela realmente faleceu... – Pelo tom da voz de Edward percebi que chorava, e o acompanhei saindo da sala e abraçando meu pai, antes mesmo de deixá-lo continuar.

– Pai, ela realmente mo... faleceu? – Perguntei, chorando baixinho.

– Sim, filha...

– Senhor quer que o leve para vê-la?

– Sim, por favor.

– Posso ir, pai? – choraminguei

– Sim – respondeu ele me puxando para perto de seu peito. – Nunca a proibiria de ver sua mãe.

– Vamos – disse o médico.

– Vamos – respondi, fingindo ser forte. Com certeza não enganei.

Entramos numa sala escura e muito gelada – quase me arrependi de ter querido ir –, havia muitas gavetas fechadas e duas macas com corpos cobertos com lençol branco. O médico louro andou até uma das macas, a maior, e nos chamou, meu pai foi primeiro, me empurrando com delicadeza para trás.

– Venha – disse o médico.

Meu pai se aproximou com uma lentidão exagerada – parecia em choque, provavelmente não acreditava no que acontecia – ele parou na frente da maca e disse alguma coisa baixinho que não entendi, estava distante dele nesse momento. Ele se debruçou na maca onde

minha mãe estava e lentamente sentou-se no chão. Percebi que chorava muito então corri para ajudá-lo, sentei-me ao seu lado deitei sua cabeça em meu ombro que agora tremia e falei baixinho: Pai, não fica assim – disse resgatando minhas ultimas forças para dizer isso. Estava quase pior que ele. "Agora não temos escolha, é tarde demais..." E ele chorou ainda mais, encharcando minha blusa polo preta. Então ele disse aos soluços:

– Filha você não sabe o que é perder alguém que ama...

– Pai eu também a amo – disse interrompendo. Agora estávamos sozinhos, só havia um homem, que não conhecia na porta da sala, esperando que nós saíssemos para trancá-la.

– Você não entende... Perder alguém que se ama e que é mãe de seus filhos, e o pior, morrer... – ao dizer isso eu acompanhei os soluços de choro dele – tão cedo...

Não tive como responder. Tenho apenas quatorze anos, e é obvio que não sei o que é perder alguém que se ama e que é também pai de meus filhos. Acho que nunca tive tanta pena de alguém na minha vida. Ver um pai jogado no chão frio de uma sala onde sua mãe está em uma maca morta. É horrível.

Saímos de lá desnorteados. Fomos para o quarto de Nicoli, que já estava lá e acordada, e ao nos ver disse:

– Oi, gente – parecia meio grogue por causa da cirurgia.

– Oi, Ni! – disse meu pai.

– Oi, pai – respondeu ela com um meio sorriso. – Oi maninha.

– Oi, Ni, você já sabe o que aconteceu?

– Bom, eu lembro... – disse ela séria novamente. – Quer dizer, eu me lembro de algumas partes...

– Algumas partes... quais?

– Bom, eu me lembro da mamãe perder o controle do carro e dizer "filha, segura!", enquanto jogava sua mão em meu colo para me empurrar... Falando nisso, onde ela está?

– Pai – resmunguei baixinho.

– Filha... – ele continuava com os olhos vermelhos e inchados.

– Ela não sabe da mamãe?

– Não, ainda não. Por quê? Ela perguntou? – disse ele preocupado.

– Sim, ela quer falar com ela. O que digo?

– Deixe-me falar com ela a sós!

– Não posso estar junto?

– Sim, mas eu queria falar um momento sozinho com ela...

– Ok, tudo bem.

Saí da sala andando meio rápido e me sentei em uma cadeira cor de madeira clara e desconfortável – era baixa e o encosto estava meio quebrado na lateral esquerda. As paredes do corredor eram brancas e a cada três metros mais ou menos tinha uma porta, algumas maiores do que as outras. Percebi que não passava muito médico por este corredor e quando passavam entravam e saiam rapidamente, os poucos que entravam eram visitantes, com flores e presentinhos nas mãos. Decidi pegar meu iPod e escutar algumas músicas enquanto esperava. O tempo parecia não passar, e cansei de ficar sentada naquela cadeira desconfortável.

Resolvi andar um pouco.

Fui pegar uma água – talvez seja melhor dois copos... Ni provavelmente vai precisar de uma quando meu pai terminar. – Levantei-me rápido demais, fiquei tonta, comecei a andar devagar, aumentando o passo conforme a tontura passava, enfim andava um pouco mais rápido que o normal. Baixei a cabeça para olhar meus tênis, que estava com o cadarço do pé esquerdo desamarrado.

– Ai – gritei ao cair no chão. Era tarde demais para se arrepender de não ter parado antes para amarrá-lo.

– Opa – não reconheci a voz, decidi olhar para cima para descobrir quem era –, já vai? – Era um menino loiro de olhos pretos brilhantes quem falava, realmente não era para me arrepender de não ter amarrado meu tênis. Ele agora estendia seu braço um pouco mais comprido que o meu, sua palma pálida – como seu rosto e seus braços – estava esticada para mim, e pude sentir as maçãs de meu

rosto corarem. Sorri timidamente pegando em sua mão confortavelmente quente.

– "Vergonhinha" – cochichei comigo mesma, e acho que ele pôde ouvir, porque logo quando terminei escutei uma risadinha leve e doce sair de sua boca. Agora, eu estava em pé ao seu lado e pude perceber que ele usava uma calça jeans preta e uma blusa polo da Lacoste listrada, que combinava com a minha. Olhei novamente seu rosto e imaginei que tivesse a minha idade. Ele era apenas uma cabeça mais alto que eu, ou menos.

– Tudo bem, acontece, eu mesmo vivo caindo... – e ele novamente deu seu sorriso acompanhado de um riso incomparavelmente leve e adocicado. – Bom, meu nome é Philippe Lauck e o seu?

– Michelle Weber

– Hmmm... lindo nome. O que ia fazer antes de tropeçar? – ele riu novamente, me fazendo corar de novo.

– Pegar água para mim e... – ainda estava com um dos fones de ouvido em minha orelha, então pude escutar a música que se seguia e, logo que a reconheci, meus olhos se encheram de lágrimas, e não pude continuar.

– O que houve? – Perguntou Philippe assustado. – Desculpe, foi algo que a disse? – Ele continuou com sua face paralisada, mas seus braços pálidos correram para me abraçar. Ele parou.

– Não, nada que você disse, é que... – parei, suspirei lentamente e continuei. – Bom – recomecei –, vamos nos sentar que eu te explico.

– Só se você me deixar pagar a água. – Ele tentava descontrair.

– Tudo bem – respondi com um quase sorriso no rosto.

Ele comprou a água enquanto eu mandava uma mensagem para meu pai explicando onde estava. Sentamo-nos na frente de um murinho que havia fora do hospital, nos apoiando nele devagar. Ao sentar apoiei a cabeça entre meus joelhos – pude sentir seu olhar de dúvida em mim –, levantei minha cabeça dei um gole curto da água, o olhei e falei:

– Desculpe, não devia ter feito aquilo, é que... – me virei novamente

para ver o horizonte de prédios em nossa volta – na hora não pensei... Estava com o iPod ligado e começou uma música que lembrava minha mãe, e ela acabou de falecer – mesmo sem o ver pude perceber que me fitava abismado. Me virei para ele e seus olhos se encheram de pena.

– Ai – ele sussurrou se aproximando mais de mim. – Me desculpe, não sabia...

Meus olhos se encheram de lágrimas, e só naquele momento percebi o que estava ocorrendo: "a *minha* mãe morreu", ao pensar isso me joguei em seus braços, e recomecei o choro, mas agora com mais dor, e minhas lágrimas realmente molharam sua blusa.

– Me desculpe se estou abusando, mas é que estou muito triste, e não tem ninguém neste momento para quem possa correr... – sussurrei. – Tudo bem? – Perguntei apenas por educação.

– Não, tudo bem, eu te entendo... bom eu não entendo, mas... – ele parou – Você entendeu o que eu quis dizer.

Ele colocou a mão em minha nuca fazendo-me um carinho não real que me acalmou, mas não o bastante para parar de chorar. Ele me levantou delicadamente e aproximou seu rosto, e apenas nesse momento percebi que sentia um calor inexplicável em meu corpo, limpou as lágrimas de meu rosto não se importando com as outras que chegavam e molhavam minha face novamente. Pisquei demoradamente para tentar relaxar; não fazia ideia do que estava acontecendo, ou prestes a acontecer. A cada segundo que passava ele se aproximava, e juntamente com sua aproximação, o calor ia se aproximando de mim. O tempo parou por um milésimo de segundo, ou foi ele quem parou, não pude perceber, foi muito rápido, me fazendo tremer um pouco. Agora seus lábios quentes e confusos tocavam o canto de minha boca. Fiquei paralisada naquele momento, querendo que novamente o tempo parasse – ou ele – para que eu pudesse aproveitar aquele segundo com mais gosto, foi muito rápido. O olhei incrédula, não entendia o que acontecia comigo, mas queria sentir mais uma vez essa sensação. Consegui parar de chorar, apenas

em um segundo, mas logo depois as lágrimas escorreram de meus olhos contornando meu nariz, e antes que ela pudesse chegar à minha boca, novamente a face de sua mão quente encostou-se ao final de minha bochecha, secando-a por completo. Olhei em seus olhos com mais profundidade, queria saber o que ele estava pensando, mas a única coisa que pude ver foi meu reflexo.

Meu celular tocou fazendo quebrar o silêncio com um pulo e um quase grito – ele sorriu mais uma vez, se divertindo com meu susto. Atendi com a maior má vontade do mundo. Era meu pai e ele dizia choramingando: "Filha, pode subir". Desliguei o celular me levantando, cambaleei um pouco, e isso o fez rir baixinho; sorri tímida como resposta. E ele disse:

– Vai embora?

– Sim, meu pai quer falar comigo e minha irmã, ela estava no acidente...

– Ah, sim! Ela está bem?

– Sim, acabou de voltar de uma cirurgia na perna, mas está bem.

– Hmmm... – ele olhava para baixo nesse momento e de repente seus olhos voltaram para os meus. Tremi. – Então é isso? – seu rosto agora estava sério, e sua boca fazia uma leve curva para baixo, mostrando-se triste.

– Hmmm... – Foi só o que pude responder. Mas antes que fosse tarde demais lembrei de agradecer seu colo. – Talvez, quem sabe, nos cruzamos por aí, algum dia... Ah, e obrigada, não sabe o quanto ajudou – dei um sorriso tímido e malicioso, queria que ele entendesse o duplo sentido de meu sorriso. Me virei devagar para a porta do hospital, mas antes que eu pudesse completar o primeiro passo ouvi meu nome e me virei para respondê-lo. – Sim? – Ele me olhou timidamente.

– Bom... – não o deixei falar fazendo um sinal com a mão; puxei o fecho de minha corrente de prata enquanto o fitava e a abri, tirando-a de meu pescoço.

Dei um passo. Agora estávamos a menos de cinco centímetros

um do outro. Estiquei meu braço e peguei em sua mão pálida e quente. Olhamos para nossas mãos e depois novamente nos olhamos – nossos olhos pararam ali. Ele ajudou a abrir sua mão quando entendeu o que eu queria, então joguei minha corrente em sua mão entrelaçando meus dedos nos dele. Aproximei-me de seu rosto e nossos lábios se tocaram levemente. Quando os liberei, falei baixinho olhando para nossas mãos ainda entrelaçadas:

– Guarde isto com você – liberei sua mão enquanto o silêncio novamente tomava conta de nós. Pisquei bem devagar pensando em como quebrar o silêncio. – Agora preciso realmente ir. Beijos.

Ele nada mais disse, apenas continuou a me fitar com um leve sorriso – pude sentir o silêncio se rastejando outra vez –, mas antes que ele pudesse chegar até nós, Philippe me abraçou, falando baixinho em minha orelha:

– Para sempre.

Abri a porta com cautela. Estava com medo de que algum deles percebesse minha euforia. Agora o clima já estava mais calmo, Nicoli ainda chorava, mas era perceptível seu esforço para parar. Já meu pai estava com o rosto todo vermelho e os olhos inchados de tanto chorar. Da sala era fácil saber a pessoa mais forte. Eu. Provavelmente foi o que acabou de acontecer que me deixou assim. Nunca havia sentido aquilo na minha vida. Nunca, nunquinha. Parecia uma boba olhando-os, mas nenhum dos dois pareceu perceber. Para disfarçar, fechei a porta rápido e corri para abraçar Nicoli.

– Nick! Como você está?

– Ai, maninha – ela desistiu de seu esforço –, eu não sabia disso – recomeçou com o choro –, tinha desmaiado. Mas como isso pôde acontecer?

– O pai disse que a batida foi forte e...

– Boa tarde – disse uma enfermeira me interrompendo e entrando sem bater na porta.

– Boa tarde – respondeu-lhe meu pai.

– Vim trazer um medicamento para Nicoli. Talvez ela venha a sentir algumas dores na perna operada, então estou com um remédio para dor.

– Ah! Claro, por favor, minha perna está começando há incomodar um pouco. Obrigada.

– Não há de que – a enfermeira realmente era simpática.

Fiquei parada sentada na cadeira macia e confortável que havia do lado da cama de minha irmã, observando a enfermeira injetar com uma seringa um remédio no soro.

– Pronto. A dor vai passar em poucos minutos.

– Obrigada novamente – respondeu Nicoli com um sorriso simpático.

– É, obrigado – disse meu pai mais por educação.

– Voltando no assunto... a batida foi forte e você já sabe né – disse eu falando tristemente baixinho.

– É o papai me contou... – Ela baixava os olhos nesse momento, e percebi um lágrima perdida cair em sua coberta.

– É, né...

Não dissemos mais nada durante um longo tempo, apenas nos olhamos vagamente, viajando em sonhos que nunca mais seriam realizados. De repente Edward colocou suas mãos em meu ombro – isso me fez pular – me chamando. Olhei para trás, nossos olhos se encontraram, percebi que seus olhos continuavam a lacrimejar, e pelo reflexo de seus olhos percebi que por fora também chorava um pouco – já por dentro eu estava completamente inundada por lágrimas imaginárias.

– Filha, já está tarde. Vou te deixar na casa de sua tia.

– Ah, não, pai! Por favor, deixe que eu fique com Nicoli.

– Desculpe Mich, mas sou eu quem vai ficar com ela. Você pode pedir à sua tia para que te traga todos os dias para cá. Mesmo assim não acho que seja necessário Nick só vai passar três dias aqui.

– Tudo bem, não acho que vou ganhar essa discussão – sempre fui muito compreensiva.

– Então vamos?

– Vamos... Beijos, Nick, até amanhã, venho te ver...

– Beijos, maninha. Pai, você volta?

– Sim, a levarei para casa para que possa fazer uma mala, e depois volto.

– Tudo bem. Beijo, pai.

Entrei no carro e me sentei da mesma maneira que antes, apoiada na janela de olhos fechados tendo o mesmo sonho feliz de que, ao abri-los, tudo seria apenas um terrível pesadelo. Abri os olhos, mas nada estava nítido em minha frente – realmente as lágrimas eram muitas –, e resolvi fechá-los novamente. Por mais que soubesse a dor que iria sentir em meu peito quando os abrisse, queria poder sonhar a última vez com seu sorriso. Levantei a mão automaticamente e a coloquei em meu pescoço, procurando meu colar de prata, como fazia antes sempre que me sentia mal. Mas desta vez nada encontrei. Abri meus olhos como reflexo e logo me lembrei da cena daquela tarde e sorri rapidamente. Mas me senti muito mal por sorrir em um momento como aquele. Então...

– Filha, dormiu?

– Hã? Ah, sim... quer dizer... não, não dormi não, pai.

– Tudo bem, ande logo, vá arrumar suas coisas.

– Tá, três dias, né?

– Isso mesmo – ele disse tristonho. Achei que nunca mais veria seu sorriso.

Saímos do carro com cuidado e andamos normalmente até a porta. Assim que meu pai a abriu subi apressada a escada, andei até meu quarto, peguei meu *nécessaire* rosa, joguei minha escova de dente, dois perfumes – não saio de casa sem passar perfume –, uma bolsinha preta de bolinhas brancas cheia de maquiagem – duvidei que iria usar, mas, por via das dúvidas, é sempre bom ter. Corri para meu quarto pegando minha mochila, e pelo caminho joguei todo o meu material em cima da cama. Abri meu armário quase o quebrando

por causa da força exagerada, escolhi os primeiros pares de roupa que vi e um pijama que roubara de minha mãe. Amarrotei tudo em minha minúscula mochila.

Saí novamente correndo, mas desta vez desci a escada com mais cautela – subir escada é fácil, agora descer correndo uma escada para mim é um trauma de infância... Aos seis anos, lembro-me vagamente de ter caído destas escadas. Tinha tropeçado em um brinquedo que minha irmã havia deixado jogado e rolei escada abaixo – depois disso nunca mais me atrevi a descer escada correndo. Aproveitei a passada pela cozinha e roubei uma maçã da fruteira que mamãe ganhara de aniversário no ano passado. Ao encostar minha pele no material que imitava vidro levei um choque, e saí correndo mais rápido ainda – não queria ficar ali lembrando-me de seu aniversário quando ela me disse ao ler o cantão que fizera: "Vou te amar para sempre, e nunca se esqueça de que sou completamente imortal". Finalmente cheguei à porta branca de madeira, passei a chave pela fechadura de metal, a girei e voltei para o carro onde meu pai já me esperava. Coloquei minha mochila no banco de trás e voltei à postura anterior no banco da frente.

– Não se esqueceu de nada?

– Tenho certeza de que não, pai.

E essas foram as últimas palavras ditas até a casa de minha tia, irmã de meu pai, Susan. Fechei a janela do carro – estava começando a ficar frio –, apoiei minha cabeça no sinto de segurança, fechei meus olhos e voltei ao pensamento: *"vou abrir os olhos e a verei sorrir novamente*". Mesmo sabendo que não aconteceria tinha que me sentir bem, e essa era a única maneira.

– Mich...

– Sim, pai – respondi-lhe sonolenta.

– Chegamos...

– Ah! Sim... Bom, beijos... Mande melhoras para a Ni e avise que estarei lá às cinco horas – ele fez uma cara de decepção quando falei que iria.

– Filha você sabe que não pre...

– Pai – interrompi –, eu quero estar ao lado dela. Ela precisa de mim e eu dela... agora mais do que nunca.

– Tudo bem, não vou discutir.

– Beijo, pai, te amo – ao dizer isso me aproximei para lhe dar um beijo na bochecha.

– Eu também.

Saí do carro com calma e fui até o portão do prédio de Susan.

Capítulo segundo

"Não percebi quando meus pensamentos mudaram de tristes lembranças para um sonho maravilhoso (...)"

Toquei o interfone.

– Boa noite, quem deseja?

– Boa noite, sou Michelle.

– Gostaria de ir aonde?

– Ao décimo andar, casa de Susan Hansen.

– Ah sim, Pode subir.

O portão largo e preto abriu e eu entrei. Corri até a porta de vidro que separava o pátio do prédio do hall. Não percebi quando meu pai foi embora, apenas olhei para trás e não vi mais seu carro. Chamei o elevador enquanto pensava em minha mãe, e em Philippe. Tentei o tirar de meus pensamentos, mas não tive muito sucesso.

O elevador chegou e a porta se abriu automaticamente, dando-me passagem. Passei levemente, encostando meu dedo indicador por cima do número dez no elevador; e sua porta fechou.

Escolhi um canto do elevador e me encolhi lá – tenho pânico de elevador desde pequena, não gosto de andar neles sozinha. A porta novamente se abriu e eu saí rápido do quadrado assustador. Toquei a campainha e não demorou muito para eu escutar um "entra", entrei trancando a porta, e logo quando me virei senti algo me abraçar molhando meu ombro de lágrimas.

– Mich! Você deve estar péssima – disse Susan chorando.

– Titia! E agora, o que farei sem ela? – só nesse momento percebi que Philippe saíra por completo de minha mente.

– Você sabe que sempre estarei aqui.

– Sim, claro, mas não é a mesma coisa... você sabe.

Andamos até o quarto de hóspedes, e percebi que ele mudara

desde a última vez que vim; suas paredes eram cru e agora estavam pintadas de branco – a cor que eu gosto –, com um fino e delicado papel de parede no centro em tons de preto. A cama era um pouco maior do que o tamanho normal e agora estava encostada na parede ao lado esquerdo da porta, com uma colcha preta e grossa que combinava com as almofadas destacadas em branco. Pulei na cama assim que tive chance.

– Tia, você podia me deixar a sós um pouco?

– Claro, querida. – Ela seguiu até a porta com um andar desanimado e saiu fechando-a com cuidado.

Levantei-me lentamente e andei até a porta, diminui a luz até o quarto ficar quase escuro. Voltei para cama, e desta vez sentei-me. Peguei minha mochila que estava em cima da cabeceira marrom escura, abri-a e peguei um pijama que Elizabeth – minha mãe – costumava usar. Fui até o banheiro, peguei minha *nécessaire* e a coloquei em cima da pia. Entrei no chuveiro deixando que a água quente caísse em meus ombros tensos até relaxá-los, e isso demorou um pouco. Vesti-me devagar tomando cuidado para que nenhuma lágrima caísse no pijama de mamãe. Voltei para o quarto escuro tropeçando algumas vezes até encontrar a cama. A desfiz e me coloquei rapidamente debaixo de suas cobertas.

Como estava sem sono, resolvi ligar meu iPod. A primeira música mal começou e já mudei; resolvi, então, selecionar minhas preferidas – que são as mais lentas – para que eu pudesse dormir sem nenhum susto. Uma música novamente começou, então fiquei lá deitada imóvel apenas esperando que o sono pousasse sobre mim relaxando-me por completo até adormecer

Não aconteceu.

Já estava na quinta canção e nada de sono. Decidi me apegar aos pensamentos e deixá-los fluir; não demorou muito e a música de minha mãe novamente começou, e então me coloquei sentada em um só movimento. "Ai, como a quero novamente!" gritei em meus pensamentos, "por favor, faça-a voltar, por favor!". E o choro

começou novamente. Não me importei, agora, de molhar a roupa de mamãe ou a colcha da tia Susan, eu queria apenas chorar no silêncio escuro daquele quarto, sozinha, sem ninguém. De repente ouvi uma voz em minha cabeça "*filha, sempre estarei com você! Sou imortal ,não se lembra?*". E a lembrança de seu quadragésimo segundo aniversário voltou em minha mente, refazendo as lágrimas mais tristes...

– Oi, mamãe – fui eu quem a acordei nesse dia – Bom dia... Está com fome?

– Hmmm quê? – Elizabeth tentava abrir os olhos, mas não teve muito sucesso.

– Mãe, acorde! – reclamei – Hoje é seu aniversário, e você precisa aproveitar o melhor que puder esse dia.

– Ah! É hoje? – ela sorriu dizendo isso. – Nossa, que *ótima* filha que eu tenho hein? – agora ela brincava com seu sarcasmo.

– Não gostou? – não entendi.

E ela começou a rir me deixando com mais dúvida ainda.

– Claro que gostei, estava brincando.

– Só porque você vai fica mais velha, com mais rugas, e...

– Rá-rá! – ela me interrompeu fazendo cócegas em minha barriga – Só mais velha, viu. Rugas são para os fracos. – Mamãe voltou a seu lindo e adocicado riso enquanto dizia isso.

– Ih, mãe... acho que você está fraca... *muito* fraca! – Sorri.

– Bobinha – agora ela estava sentada.

– Pai! – Gritei. – Ela já acordou.

Não deu muito tempo entraram duas pessoas pela porta do quarto com um bolo em chamas pelas velas.

– Parabéns pra você nesta data querida... – Todos cantavam.

– Sem essa de cantar parabéns gente – disse mamãe aos risos.

– Tudo bem, tudo bem... – Respondeu-lhe Nicoli.

– Amor! – meu pai praticamente correu até ela, para lhe abraçar – Como você é linda! Sabe que eu a amo muito, né? Parabéns, tudo de bom para você! Você merece *tudo*, tudo mesmo!

– Obrigada, eu também o amo – eles eram tão apaixonados.

– Sem baboseirinhas de namoradinhos adolescentes, mãe, pai...

Ele riu ao responder:

– Desculpe, general!

– Ah... vamos para o bolo... parece delicioso – Nicoli esfregou as mãos sinalizando "*atacar!*" enquanto falava. – Vamos mãe, corte-o!

– Claro, claro, senhora faminta. Onde está a faca?

– Aqui está – Minha irmã tirou-a do bolso fingindo mágica – Tan-tan-tan-taan...

– Bom, vamos lá. Fazer um pedido...

Não percebi quando meus pensamentos mudaram de tristes lembranças para um sonho maravilhoso, me lembro apenas de uma hora estar deitada em minha nova cama de três dias e na outra estar novamente em pé do lado de minha amada mãe...

– Pronto.

– Fez o pedido? Nem nos falou qual foi! – Disse eu abismada.

– Se eu lhes dizer não vai acontecer – mamãe sorriu.

– Bom, primeiro pedaço para quem?

– Eu... eu, me escolhe – Nicoli pulava brincando.

– Tudo bem, primeiro pedaço para a gulosa.

De repente percebi que o sonho mudara. Não estava mais em minha casa comemorando o aniversário de mamãe. Estava perdida em um cenário preto, correndo para todos os lados, mas era o mesmo que ficar parada. Ouvi uma voz grave e ameaçadora falar: "você nunca mais a verá!". Corri mais rápido procurando o dono daquela voz assustadora, mas não achei; de repente, no escuro uma tela pequena e quadrada acendeu, com um barulho terrivelmente fino e alto. Tampei os ouvidos com as mãos. Não adiantou muito.

O som fino aos poucos foi diminuindo até não se ouvir mais nada – nem meus pensamentos –, apenas via no silêncio da escuridão uma pequena tela distante branca com uns pontinhos pretos, um chiado baixo começou.

Novamente a voz falou comigo: "nunca mais verá seu sorriso..."

– e parou, me deixando com dúvida se iria ou não continuar a frase inacabada. Tentei ignorar minha dúvida e a voz ameaçadora. Corri até a tela, e agora estava com algumas faixas colorida como se um filme estivesse para se iniciar; mas ela ficou paralisada, e os chiados continuavam. Não entendia o que estava acontecendo ou prestes a acontecer. Sabia que estava sonhando, mas estava presa nesse jogo confuso. "AAAH!", comecei a gritar; estava me sentindo completamente atordoada, confusa e enjoada. Queria sair dali, mas não sabia como.

– Ahh! – acordei gritando, talvez em continuidade ao grito sonhado.

Estava me sentindo péssima igual ao meu sonho. Levantei-me rápido e acendi a luz até o quarto ficar completamente iluminado. Abri a porta com cautela para não fazer barulho, andei pelo longo corredor escuro até a sala e fui para a cozinha; lá peguei um copo com água gelada. Sentei em um banquinho que havia na mesa e dei um gole curto e demorado.

– Ai que droga! – sussurrei mal-humorada.

Baixei a cabeça apoiando-a em meus braços e voltei-me a chorar, mas agora a tristeza estava vindo acompanhada de raiva

– Que droga esse sonho, não vou mais conseguir dormir!

Decidi então pegar meu livro preferido, *Crepúsculo,* e continuar lendo até o sono vir, ou até eu acabar novamente a coleção. Peguei, abri na página marcada, capítulo dezoito, e comecei a ler.

Parei de ler quando percebi que o sol já nascera. Que horas são? Corri para meu quarto, peguei meu celular. Quatro horas, nossa! Eu já tinha lido até o capítulo vinte e dois, "esconde-esconde". Resolvi que era mais que hora para dormir novamente, e aproveitei que o sonho já estava quase que esquecido por completo.

Dormi.

– Acorde, meu anjo.

Uma voz simpática me acordava.

– Mich, já são duas e meia, vai almoçar?

– Hã? Que? – Ouvi uma risadinha leve.

– Mich, acorde, menina, sabe que horas são?

– Tenho uma leve impressão de que são duas e meia – abri um sorriso.

– Exatamente, levante-se e vá até a cozinha, seu almoço está quase pronto.

– Tá, tudo bem, tia – respondi sem a mínima vontade de levantar.

Quando aporta se fechou, abri completamente meus olhos e dei de frente com uma luz fraca. Virei o rosto para o travesseiro e me lembrei vagamente do acontecimento de ontem. Coloquei-me em pé em um único movimento rápido. "Cadê a mamãe?", a chamei em meus pensamentos. Corri até a cozinha – meus olhos avermelhados.

– O que aconteceu, Mich?

– Tia, cadê a mamãe?

– Como assim? – Senti o peso de seu rosto terrivelmente pesado em minha coluna. Cai sentada no chão da cozinha.

– Tia! – gritei – Cadê a mamãe? – não conseguia encarar a realidade do fato.

– Mich, acalme-se – pude ouvir a preocupação que havia em sua voz. – Você está me assustando.

– Titia, por favor, me diga onde ela está! – Agora eu quase gritava, e não estava chorando.

– Mich, sua mãe faleceu ontem, não está lembrada?

– Não, não, ela está no hospital com Nicoli – eu estava completamente histérica –, por que vocês não me deixam vê-la?

– Mich, você está se sentindo bem?

– Não, titia, na verdade estou me sentindo *ótima* – minha voz falhou ao forçar meu sarcasmo.

Ela não respondeu, e depois de um curto tempo ouvi o som das teclas do telefone.

– Alô? Edward?

– Não, na verdade não estamos nada bem – ouve uma pequena pausa.

– Ela não se lembra ou se recusa a acreditar que Eliza faleceu.

– Nada disso – eu respondia por Edward – Eu me lembro de tudo, sei que mamãe está no hospital com Nicoli! Por que vocês não me deixam falar com ela?

– Está ouvindo, Ed? – outra pequena pausa. – Mich, seu pai quer falar com você!

– Pai – chorei aos berros no telefone –, cadê a mamãe?

– Filha – sua voz era preocupada –, sua mãe não está mais aqui.

– Como assim? Onde ela está?

– Filha, sua mãe faleceu ontem, num acidente de carro. Como não se lembra disso?

– Claro que me lembro. E me lembro muito bem que ontem nós dois fomos vê-la numa... – as palavras escapavam de minha boca de um modo incontrolável, então percebi a verdade delas – sala, cheia de gavetas fechadas, e ela estava numa maca coberta por um lençol branco e fin... – não tive coragem de terminar.

Soltei o telefone, e cai junto com ele no chão; o choro parou naquele momento. Dois segundos incrivelmente longos se passaram e então recomecei os soluços, e aos poucos voltei a chorar desesperadamente, uma torpor muito grande tomou conta de meu consciente. Pude sentir que ia desmaiar, mas não tive forças suficientes para me mexer. Aos poucos minha visão foi ficando escura até ficar completamente negra; nada mais vi, fechei meus olhos com força e desmaiei..

– Hã? Onde estou?

– Oi, filha – meu pai era quem falava comigo.

– Por que eu estou no hospital?

– Não se lembra, não é mesmo?

– Acho que não... – estava confusa.

– Bom, você desmaiou na casa da tia Susan e a trouxemos para cá.

– E qual seria o motivo de meu desmaio?

– É isso que eu quero saber... – ele me olhou com dúvida, mas era eu quem estava confusa.